



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 10, número 2, maio-ago. 2021

SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE FAMÍLIAS SATERÉ- MAWÉ RESIDENTES EM PARINTINS



SOCIOLINGUISTIC SITUATION OF SATERÉ-MAWÉ FAMILIES RESIDENT IN PARINTINS

Denize de Souza CARNEIRO
Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil

Iria Batista MIKILIS
Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil

Fernanda Ferreira SPOLADORE
Escola Municipal Professor Leôncio do Carmo Chaves,
Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 11/02/2021 • APROVADO EM 18/07/2021
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i2.3195>

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de descrição e de análise da situação sociolinguística dos Sateré-Mawé residentes em Parintins/AM. A pesquisa foi

realizada com base nas orientações teóricas e metodológicas da *Sociolinguística*, na linha de estudo da Sociologia da linguagem, particularmente, com base nos trabalhos sobre o *bilinguismo* de Joshua Fishman (1964), que discute o uso da língua e a organização social do comportamento linguístico, e de Christine De Heredia (1989), que discute o bilinguismo na perspectiva individual. A partir de dados obtidos em pesquisa de campo, foi possível diagnosticar que os Sateré-Mawé que nasceram na Terra Indígena e que migraram para a cidade quando jovens ou adultos apresentam uma situação de *bilinguismo ativo em Sateré-Mawé/Português*; já parte significativa das crianças nascidas na cidade estão se tornando *monolíngues em Português*. Além disso, constatamos que a língua indígena vem perdendo função social nos espaços que tradicionalmente lhes pertenciam, como no domínio do lar.

Abstract

This work aims to present a description and analysis of the sociolinguistic situation of Sateré-Mawé residents in Parintins/AM. The research was carried out based on the theoretical and methodological guidelines of *Qualitative Sociolinguistics*, particularly based on the work about *bilingualism* by Joshua Fishman (1964), who discusses the use of language and the social organization of linguistic behavior, and by Christine De Heredia (1989), who discusses bilingualism from an individual perspective. From data obtained in field research, it was possible to diagnose that Sateré-Mawé who were born in the Indigenous Land and migrated to the city when they were young or adults present a situation of *active bilingualism in Sateré-Mawé/Portuguese*; already a significant part of the children who were born in the city are becoming *monolingual in Portuguese*. In addition, we found the indigenous language has been losing social function in spaces that traditionally belonged to it, such as in the home domain.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Sociolinguística. Bilinguismo. Valor funcional. Atitude linguística. Língua Sateré-Mawé.

Keywords: Sociolinguistics. Bilingualism. Functional value. Linguistic attitude. Sateré-Mawé language.

Texto integral

Introdução

O povo Sateré-Mawé é de língua e de cultura tupi e já possui mais de 400 anos de contato com sociedade ocidental. Vive na região da Amazônia Central, na Terra Indígena (TI) Andirá-Marau, situada na divisa do Estado do Amazonas com o Pará, em comunidades às margens dos rios Andirá e afluentes, Marau e afluentes, Manjuru, Urupadi e Waikurapá, nos municípios de Barreirinha/AM, Maués/AM, Parintins¹/AM e Aveiro/PA.

De acordo com dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) de Parintins, a população dessa etnia é de 17.243² pessoas, sem contar com aquelas que

¹ Cidade com população estimada em 115.363 mil habitantes (IBGE, 2020).

² Informação oral, obtida em agosto de 2019.

migraram para as cidades, pois não localizamos levantamentos atualizados sobre elas nesses espaços.

Fora dos seus territórios, os indígenas enfrentam diversos desafios para manterem sua língua, dentre eles o preconceito e a pressão social para integrarem-se ao novo ambiente, fazendo com que abandonem sua língua e suas práticas culturais. Em função disso, é importante que sejam realizadas pesquisas que produzam conhecimentos acerca das línguas indígenas no espaço urbano, pois eles, além de documentarem a situação, poderão contribuir para a realização de ações de Políticas Linguísticas em prol do seu fortalecimento, já que, dentre as 1803 línguas étnicas existentes no Brasil (IPOL, 2016; RODRIGUES, 2013), mais de 70% estão ameaçadas de extinção. Essa é uma realidade extremamente grave, não apenas no que diz respeito ao aspecto linguístico-cultural de desaparecimento de uma língua, mas também do “ponto de vista da desintegração social e espiritual de cada um dos povos que, com a perda da língua sob pressão externa, têm destruídos seus valores, o que os leva ao empobrecimento e à marginalização social” (RODRIGUES, 1993, p. 100), especialmente nos centros urbanos.

Desse modo, como forma de contribuir com a documentação da língua Sateré-Mawé⁴ e de dar visibilidade à sua situação de vitalidade em Parintins, realizamos uma pesquisa sobre o nível de bilinguismo, o valor funcional e a atitude dos falantes em relação às línguas do repertório linguístico, a partir das orientações teórico-metodológicas da Sociolinguística Qualitativa, com base nos estudos sobre o bilinguismo individual apresentados por De Heredia (1989) e o bilinguismo social apresentado por Fishman (1964; 1971).

Os dados que serviram de base para a descrição e a análise foram obtidos a partir de duas viagens de campo a Parintins, uma em 2018 e outra em 2019. Durante essas viagens, foram realizadas entrevistas junto aos membros das famílias Sateré-Mawé que aceitaram participar desse estudo. Tais entrevistas foram ancoradas em questões abertas previamente estabelecidas, que permitiram aos participantes discorrer sobre o assunto, inclusive contar histórias e manifestar sua opinião sobre sua língua e sua cultura. Um fator que contribuiu para isso foi o fato de a entrevista ter sido realizada por uma pessoa falante da língua em estudo (uma das autoras), que, com proficiência no Português e no Sateré-Mawé, seguiu o fluxo dos diálogos, usando a língua que o chefe/membro da família estivesse falando. As entrevistas se deram, então, em forma de diálogo e de modo colaborativo entre os familiares, isso é, quando uma pessoa esquecia alguma informação, outra complementava. Ao todo,

³O Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL) estima cerca de 180 línguas indígenas no Brasil. Essa estimativa diverge da apresentada pelo IBGE (2010), que dá conta de 274 línguas indígenas e, também, de alguns linguistas que estimam cerca de 150. Para Rodrigues (2013), sempre foi uma tarefa difícil precisar informações demográficas e linguísticas sobre os indígenas no Brasil. As diferentes metodologias empregadas (como, considerar dialeto como língua), a ausência de censos mais precisos sobre grupos que já substituíram a língua nativa pela portuguesa, a existência de pelo menos 30 povos indígenas “em isolamento voluntário”, sobre os quais quase não se tem informação, impossibilitam apresentar dados precisos e atualizados. Sendo assim, Rodrigues adota dados aproximativos, cujos números admitem certa margem de erro para mais ou para menos em virtude dessas imprecisões e corrobora a estimativa do IPOL. Levando isso em conta, é a estimativa de 180 línguas indígenas que adotaremos nesse trabalho.

⁴Essa língua foi classificada por Rodrigues (1994) como único membro da família linguística de mesmo nome, integrante do tronco Tupi.

participaram desse trabalho membros de 10 famílias, que apresentaram as informações sobre os aspectos sociolinguísticos pesquisados. Assim, a análise aqui proposta foi realizada a partir dos dados apresentados nessas entrevistas. Descrevemos a situação de bilinguismo individual das famílias, por geração, e observamos o uso das línguas do repertório em relação às *situações* (FISHMAN, 1964, seção 1 deste trabalho).

É o resultado desse estudo que apresentamos nesse artigo, o qual, além da introdução, está organizado de acordo com a seguinte ordem: “Base teórica: noções de bilinguismo”; “Resultados: ‘Constituição familiar e situação de bilinguismo das famílias Sateré-Mawé em Parintins’; ‘O valor funcional das línguas’, ‘A atitude linguística dos participantes da pesquisa’” e, por fim, apresentamos uma breve conclusão.

Base teórica: noções de bilinguismo

Muito se tem discutido sobre o fenômeno do bilinguismo, seja na perspectiva *cognitiva*, com foco no cérebro/mente de um indivíduo bilíngue, seja na perspectiva *sociolinguística*, com foco no aspecto social de comunidades bilíngues (BRAGGIO, 2014), o que caracteriza tal fenômeno como vasto e dotado de certa complexidade.

Neste trabalho, adotamos a perspectiva da sociolinguística, linha da Sociologia da linguagem. Baseamo-nos nas reflexões de bilinguismo apresentadas por De Heredia (1989) e Fishman (1964; 1971). Enquanto De Heredia analisa o bilinguismo individual, descrevendo as habilidades linguísticas dos falantes, Fishman interessa-se pela análise do bilinguismo social, levando em conta os aspectos sociais que influenciam o uso das línguas em uma dada comunidade de fala⁵.

De Heredia classifica o bilinguismo em *passivo* e *ativo*. No bilinguismo passivo, os indivíduos compreendem as duas línguas de seu repertório linguístico, mas falam apenas uma, seja por não saberem (apenas entenderem), seja por se recusarem a falar, caso de alguns indígenas residentes nos centros urbanos, que, devido à supervalorização da língua do ambiente (majoritária), deixam de falar sua língua de origem (minoritária). Já no bilinguismo ativo, os indivíduos não apenas compreendem as duas línguas de seu repertório linguístico, como as falam.

Fishman (1964) procura examinar a interação entre o uso da língua e a organização social do comportamento de uma comunidade de fala. O estudo busca verificar quais são as regras de uso social das variedades linguísticas. Assim, a investigação buscará respostas para as seguintes questões: (a) Quem fala que língua, a quem, quando, onde, com a finalidade de quê e com quais interlocutores? (b) Que fatores motivam as diferentes mudanças na organização social do uso da língua e do comportamento em relação a ela?

Para esse autor, os papéis sociais, os lugares e os sujeitos da interação comunicativa determinam a escolha de uma ou de outra língua, cujo uso adequado não ocorre ao acaso. É uma escolha determinada socioculturalmente pela *situação* – “a co-ocorrência de dois (ou mais) interlocutores mutuamente relacionados de uma maneira determinada, comunicando sobre um determinado tópico, num

⁵ Um agrupamento social que tem pelo menos, em comum, uma variedade linguística, assim como as normas de seu emprego (FISHMAN, 1971).

determinado contexto” (1971, p. 29) –, ou seja, os membros de uma comunidade linguística usarão as línguas de seu repertório a depender dos *domínios de uso*, também definidos socioculturalmente, como, por exemplo, o domínio do seio familiar, da religião, da escola, da universidade, do grupo de amigos, do trabalho, etc.

A adequação e o uso das línguas aos domínios pelos falantes levaram Fishman a caracterizar as comunidades bilíngues do seguinte modo: com *bilinguismo estável* e com *bilinguismo instável*. Na primeira caracterização, a comunidade manterá o seu padrão sociolinguístico, pois as línguas do repertório linguístico dos falantes estarão sendo usadas de acordo com seus domínios sociais, sem que uma invada o espaço da outra. Em contrapartida, na segunda caracterização, a comunidade estará deixando de manter o seu padrão sociolinguístico, uma vez que já não haverá um acordo social unânime quanto à distribuição funcional das línguas claramente definido. Nesse caso, uma das línguas estará sendo substituída por outra considerada majoritária e dotada de maior prestígio social.

Além dessa caracterização, Fishman (1971) amplia e reformula a definição de *diglossia*⁶ proposta por Ferguson (1974). Tal conceito, antes concebido como um fenômeno que opõe duas variedades de uma mesma língua, devido a distintos estatutos sociais, passa a considerar todos os casos de dualidade (variedades de uma mesma língua, línguas da mesma família ou não), em situação estável.

Nessa reformulação, Fishman passa a relacionar a capacidade de um indivíduo de dominar mais de uma língua (dimensão individual) com o valor funcional que lhe é atribuído socioculturalmente (dimensão social), o que poderia resultar em quatro tipos de comunidades de fala:

- a) Comunidade *com* diglossia e *com* bilinguismo;
- b) Comunidade *com* diglossia e *sem* bilinguismo;
- c) Comunidade *sem* diglossia e *com* bilinguismo;
- d) Comunidade *sem* diglossia e *sem* bilinguismo.

Na primeira situação, a comunidade apresentará o *status* de bilinguismo estável, já que as funções estarão claramente definidas e não haverá conflitos e juízo de valores sobre seus usos. Na segunda, a comunidade apresentará mais de uma língua com valores funcionais distintos atribuídos a cada uma, mesmo que os falantes não sejam bilíngues. Na terceira, apresentará o *status* de bilinguismo instável, devido à indefinição das funções sociais das línguas, isso é, os falantes serão bilíngues, mas os usos já não estarão bem delimitados, levando, portanto, à situação em que uma delas venha a ocupar os domínios de uso da outra. A última situação, por sua vez, diz respeito a uma possibilidade teórica, ou seja, uma hipótese de representação da realidade, que demonstraria uma única maneira de falar. Mesmo

⁶ Para Ferguson (1974, p. 111), “diglossia é uma situação linguística relativamente estável na qual, além da ou das variedades adquiridas em primeiro lugar (variedades que podem conter um padrão ou vários padrões regionais), se encontra também uma variedade sobreposta, muito divergente e altamente codificada, por vezes mais complexa ao nível gramatical, e que é a base de uma vasta literatura escrita e prestigiada. Esta variedade é geralmente adquirida por meio do sistema educativo e utilizada a maior parte das vezes na escrita ou nas situações formais do discurso. Não é, no entanto, utilizada por nenhum grupo da comunidade na conversação corrente.”

em comunidades pequenas, tal situação é difícil de existir, em virtude da existência de diferentes e diversos papéis sociais.

Foi a partir dessas noções de bilinguismo que realizamos a análise sociolinguística dos Sateré-Mawé em Parintins, apresentada adiante.

Resultados

Durante a pesquisa de campo, localizamos 10 famílias, originárias de 07 aldeias da Terra Indígena Andirá-Marau, que somam um total de 344 pessoas da etnia Sateré-Mawé, das quais apenas 83 se encontram residindo em Parintins, em 04 bairros dessa cidade, a saber: Centro, Francesa, Palmares e Itaúna, conforme mostra o quadro 01.

Família	Aldeia/Município	Pessoas (aldeia e cidade)	Bairro de Parintins	Pessoas em Parintins
I	Vila Nova I -Barreirinha	63	Palmares	19
II	Vila Nova I e Torrado - Barreirinha	27	Francesa	05
III	Vila Nova I e Torrado - Barreirinha	28	Francesa	10
IV	Vila Nova I - Barreirinha	17	Francesa	08
V	Bom Jardim - Barreirinha	39	Palmares e Itaúna	13
VI	Tigre - Parintins	66	Itaúna	04
VII	Nova Sateré - Barreirinha	11	Palmares	05
VIII	Vila Nova I e Nova Sateré - Barreirinha	38	Palmares	07
IX	Vila Nova II - Maués	07	Itaúna	04
X	Molongotuba - Barreirinha	48	Centro	08
TOTAL		344	04	83

Quadro 1 – Famílias Sateré-Mawé participantes da pesquisa.

Fonte: Elaboração própria.

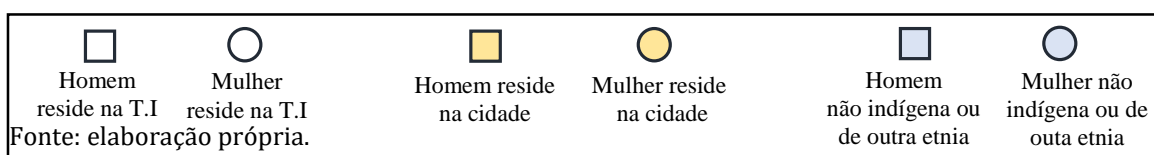
Como exposto na introdução, a T.I. Andirá-Marau (dos Sateré-Mawé) envolve três municípios amazonenses (Barreirinha, Parintins e Maués) e um paraense (Aveiro). Os membros das famílias participantes dessa pesquisa são originários, em sua maioria, de comunidades da região do rio Andirá (município de Barreirinha/AM), dos cursos médio e alto e da cabeceira desse rio. Além deles, foram localizadas pessoas de várias famílias de comunidades situadas no baixo curso do rio Andirá, mas as mesmas, por não falarem mais a língua do seu povo, preferiram não participar. Nesse sentido, é importante esclarecer que, para os Sateré-Mawé que habitam essa parte da T.I., a língua indígena faz parte apenas do repertório dos comunitários mais idosos. Foram localizadas também, durante as viagens a campo, uma família da região do rio Waikurapá (município de Parintins) e outra da região do rio Marau (município de Maués), que aceitaram participar dessa pesquisa.

A seguir, apresentamos a análise sociolinguística dos Sateré-Mawé residentes em Parintins/AM. Nessa análise, levamos em conta variáveis como: sexo, idade, constituição familiar e tempo de residência na cidade.

Constituição familiar e situação de bilinguismo das famílias Sateré-Mawé em Parintins

Além da situação de bilinguismo, um dos objetivos principais desse trabalho, descrevemos, nesse tópico, a constituição de cada família⁷ por geração, levando em consideração também as pessoas que não vivem em Parintins, a fim de compreendermos melhor a situação das línguas faladas.

Nas figuras que representam essa constituição, as iniciais dos nomes se referem aos membros que compõem as famílias, cujo sexo masculino é indicado por um quadrado e o feminino por um círculo. Os quadrados e os círculos sem preenchimento indicam os membros da família que residem na Terra Indígena. Por sua vez, o preenchimento amarelo indica os membros da família que moram na cidade, ao passo que o azul indica pessoas não indígenas (NI) e indígenas de outras etnias que integram as famílias, conforme mostra a legenda no quadro 02.



Quadro 2 – Legenda da constituição familiar.

Fonte: Elaboração própria.

Constituição familiar e situação de bilinguismo da família I

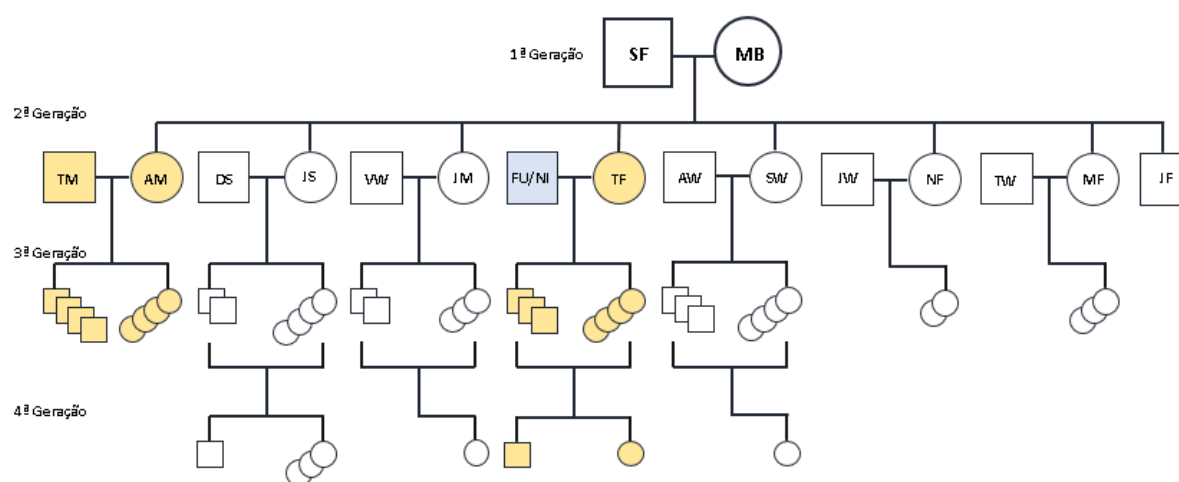


Figura 1 – Família Sateré-Mawé I.

Fonte: Elaboração própria.

A família I é composta por 63 pessoas, sendo 62 da etnia Sateré-Mawé e 01 não indígena. Em 2000, iniciou-se a migração dos membros dessa família para Parintins, onde residem atualmente os casais **TM-AM** e mais 06 filhos (dentre os 08, os outros residem em Manaus/AM), assim como **TF-FU/NI**, juntamente com seus 07 filhos (3ª geração) e 02 netos (4ª geração). Os demais membros da família (42 pessoas) vivem nas comunidades de Vila Nova I (Alto rio Andirá), Conceição e Terra Preta (cabeceira do rio Andirá).

⁷ Neste trabalho adotamos a ideia de *família extensa* a *parentela*, isso é, um conjunto de pessoas originárias de gerações de alguém, de seus antepassados ou descendentes e *agregados*, inclusive não indígenas e pessoas que já são falecidas.

Quanto à constituição familiar, com exceção de **TF** que se casou com uma pessoa não indígena, todos os membros da segunda geração são casados com pessoas do próprio grupo, sendo que 01 ainda não constituiu família (**JF**).

De acordo com os dados, três línguas fazem parte do repertório linguístico dessa família: o Sateré-Mawé (primeira língua), o Português (segunda língua) e o Inglês (terceira língua), apresentando a seguinte situação de bilinguismo: **SF** e **MB** (1ª geração) são bilíngues ativas em Sateré-Mawé e passivas em Português; a 2ª geração, com exceção de **FU/não** indígena que é monolíngue em Português, apresenta uma situação de bilinguismo ativo em Sateré-Mawé/Português; no que tange à 3ª geração, dos 38 membros, 32 são bilíngues ativos em Sateré-Mawé/Português e 02 são trilíngues em Sateré-Mawé/Português (bilinguismo ativo) e Inglês⁸ (bilinguismo passivo). Os demais, 04 bebês, com idades de 02 e 03 anos, de acordo com os pais, encontram-se em processo de aquisição da língua Sateré-Mawé e da língua Portuguesa, simultaneamente (bilinguismo precoce)⁹; por sua vez, a 4ª geração é composta por 08 membros, sendo 02 crianças (de 05 e 07 anos) bilíngues ativas em Sateré-Mawé/Português e 06 bebês (de 01 a 03 anos) que se encontram em processo de aquisição¹⁰ das línguas Sateré-Mawé e Português, também de forma simultânea.

Constituição familiar e situação de bilinguismo da família II

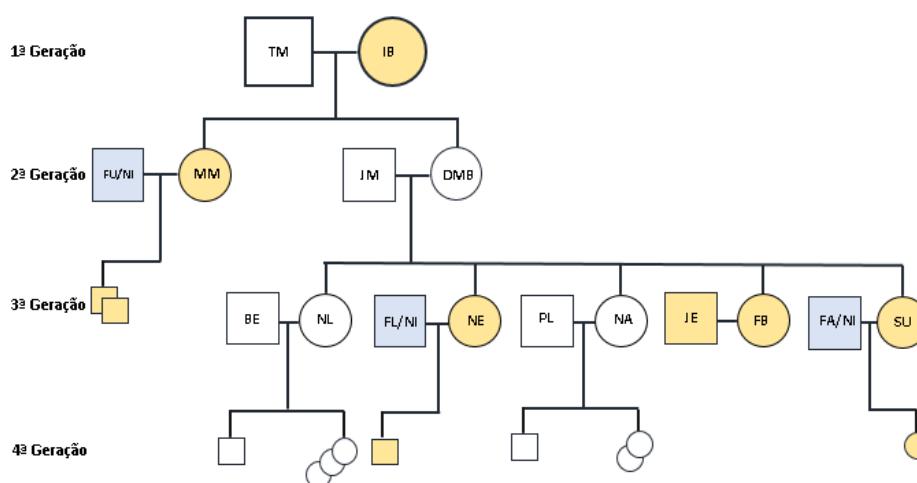


Figura 2 - Família Sateré-Mawé II.

Fonte: Elaboração própria.

⁸ A língua inglesa foi levada à área dos Sateré-Mawé por missionários evangélicos americanos da Igreja Batista, que atuam na aldeia Vila Nova I, aproximadamente há 60 anos.

⁹ Esse processo de *bilinguismo precoce* (também conhecido por *bilinguismo equilibrado* ou *equilíngue*) ocorre, geralmente, na faixa etária de 0 a 5 anos (DE HEREDIA, 1989).

¹⁰ No Território Sateré-Mawé, por uma decisão do povo, não há Educação Infantil na escola formal. As crianças iniciam a vida escolar na fase da alfabetização, que se dá, primeiramente em Sateré-Mawé e, posteriormente, em Português. Antes da escola, elas adquirem as línguas e as práticas culturais do seu povo em casa com pais, irmãos e avós. A aprendizagem da língua materna é mais uma função da mãe, já a aprendizagem da língua portuguesa, é resultante do contato com essa língua, em função do constante movimento das famílias entre aldeia-cidade-aldeia e, também, porque há membros da família que priorizam a comunicação nessa língua e, naturalmente, as crianças vão adquirindo-a.

A família II é composta por 27 pessoas, sendo 24 da etnia Sateré-Mawé e 03 não indígenas. A migração dessas pessoas para a cidade iniciou em 1985 até os dias atuais. Dessas, residem em Parintins apenas 05 membros: o casal **FL/NI-NE** e filho e o casal **JE-FB**. Além deles, 06 pessoas vivem em outras cidades do Amazonas: em Manaus (**MM** e 01 filho); em Manacapuru (**FU/NI**, **IB**, casal **FA/NI-SU** e filho) e em Nova Ayrão (segundo filho de **MM**). Os demais membros vivem nas aldeias Vila Nova I e Torrado, no Andirá.

Quanto à constituição familiar, o casal da 1ª geração teve 02 filhas (2ª geração): uma (**DMB**) constituiu casamento com homem do próprio grupo, com quem teve 05 filhas; a outra (**MM**) teve 02 filhos com homem não indígena, mas não constituiu casamento. Da 3ª geração, composta por 12 membros, 03 constituíram casamento com homens Sateré-Mawé e 02 com não indígenas; os demais (02 pessoas) ainda não constituíram família. Da 4ª geração, os 08 membros ainda são crianças.

De acordo com os dados, fazem parte do repertório linguístico dessa família apenas duas línguas: o Sateré-Mawé e o Português, com as seguintes situações de bilinguismo. 1ª geração: **TM** é bilíngue ativo em Sateré-Mawé e Português, já **IB** é bilíngue ativo em Português e passivo em Sateré-Mawé. **IB** era falante da língua do seu povo, mas, por ter deixado de conviver com as pessoas de sua etnia há mais de 30 anos, não consegue mais falar Sateré-Mawé. 2ª geração: **DMB** e **JM** são bilíngues ativos em Sateré-Mawé e Português, já **MM** e o pai dos seus filhos (não índio) são monolíngues em Português. 3ª geração: com exceção dos filhos de **MM** e das pessoas não indígenas, todos os membros são bilíngues ativos em Sateré-Mawé e Português. 4ª geração: corresponde a 09 crianças, sendo que 07 delas moram na T.I e são bilíngues ativas em Sateré-Mawé/Português e 02 vivem na cidade (uma tem 03 anos e mora em Parintins, a outra tem 01 ano e mora em Manaus). Segundo os pais, as crianças que residem na cidade estão adquirindo apenas o Português.

Constituição familiar e situação de bilinguismo da família III

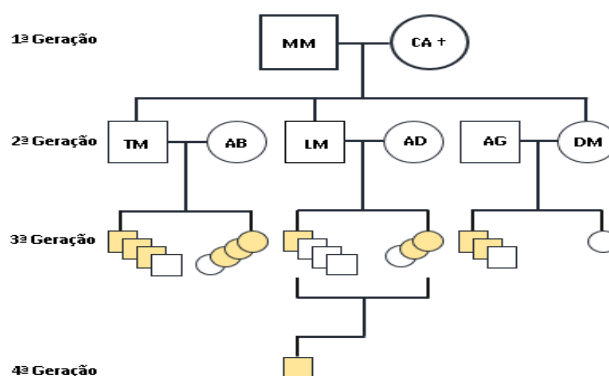


Figura 3- Família Sateré-Mawé III.

Fonte: Elaboração própria.

A família III é composta por 28 pessoas, sendo todas da etnia Sateré-Mawé. Dessas, 12 residem na cidade, 10 em Parintins e 02 em Manaus; os demais vivem nas aldeias Vila Nova I (alto rio Andirá) e Castanhal (médio rio Andirá). A migração dos membros dessa família para a cidade se iniciou em 1990 até a atualidade.

Quanto à constituição familiar, da 2ª geração todos são casados com membros do próprio grupo. Da 3ª geração, apenas 01 pessoa constituiu casamento com cônjuge também do próprio povo. Da 4ª geração, o único membro ainda é uma criança de 03 anos de idade.

Quanto ao nível de bilinguismo, constatamos a seguinte situação: 1ª geração – **MM** é bilíngue ativo em Sateré-Mawé/Português, por sua vez, a esposa **CA** já é falecida há muitos anos, mas, de acordo com relatos do esposo, era monolíngue em Sateré-Mawé; quanto à 2ª e 3ª gerações, todos apresentam uma situação de bilinguismo ativo em Sateré-Mawé/Português; a 4ª geração corresponde a 01 criança de 03 anos, em processo de aquisição da língua Sateré-Mawé e da língua Portuguesa, simultaneamente.

Constituição familiar e situação de bilinguismo da família IV

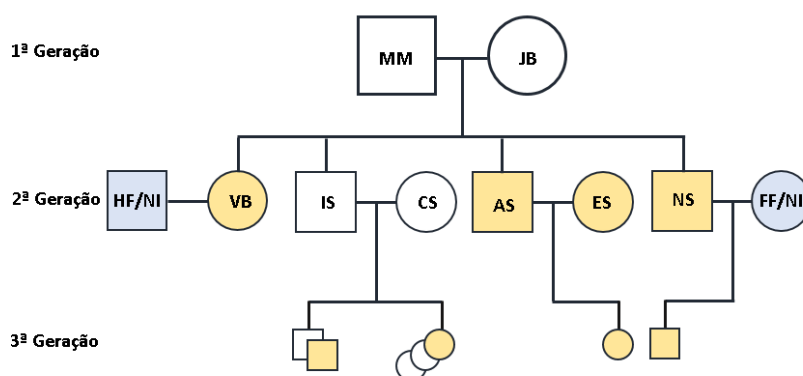


Figura 4 - Família Sateré-Mawé IV.

Fonte: Elaboração própria.

A família IV é formada por 17 pessoas, sendo 15 do povo Sateré-Mawé e 02 não indígenas. Dessas, 10 residem na cidade desde 2008, sendo 08 em Parintins (02 filhos de **IS-CS**, o casal **AS-ES** e filha e o casal **NS-FF/NI** e filho) e 02 em Manaus (**VB-HF/NI**). As demais vivem na aldeia Vila Nova I (alto rio Andirá).

Quanto à constituição familiar, o casal Sateré-Mawé **MM** e **JB**, que constitui a 1ª geração, teve 04 filhos, 02 deles (**IS** e **AS**) casaram-se com pessoas da mesma etnia e os outros 02 (**VB** e **NS**) constituíram família com pessoas não indígenas. Os 07 membros da 3ª geração são crianças, na faixa etária de 02 a 12 anos.

Quanto ao nível de bilinguismo, constatamos a seguinte situação: os 02 membros da 1ª geração são bilíngues ativos em Sateré-Mawé/Português; dentre os membros indígenas da 2ª geração, 05 apresentam bilinguismo ativo em Sateré-Mawé/Português e 01 é bilíngue ativo em Português e passivo em Sateré-Mawé (**VB**). Os membros não indígenas são monolíngues em Português; os 06 membros que compõem a 3ª geração são bilíngues ativos em Sateré-Mawé/Português e 01 criança de 02 anos está em processo de aquisição apenas da língua Portuguesa (filho de **NS** e **FF/NI**).

Constituição familiar e situação de bilinguismo da família V

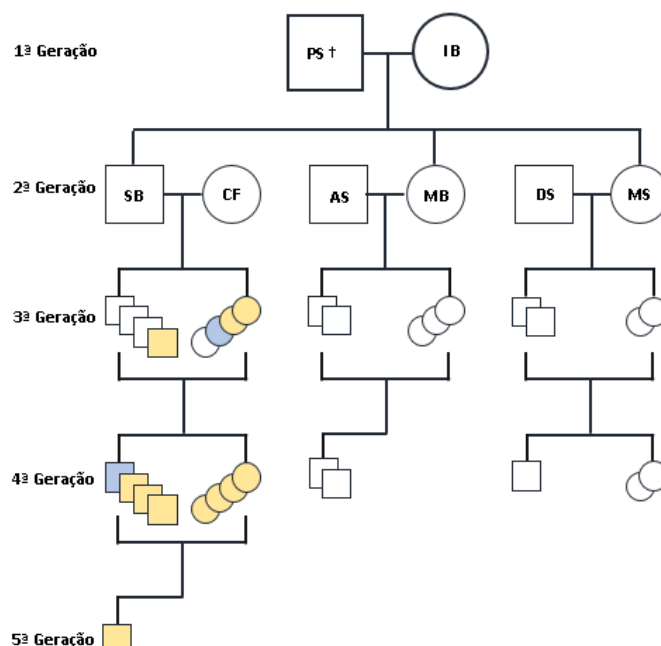


Figura 5 - Família Sateré-Mawé V.

Fonte: Elaboração própria.

A família V é composta por 39 pessoas (01 já falecida), sendo todas do povo Sateré-Mawé. Residem em Parintins (desde 2010) 13 membros: filhos e cônjuges, netos e bisnetos de **SB-CF**. Os demais moram na aldeia Bom Jardim (na cabeceira do rio Andirá).

Os membros da 1ª e da 2ª gerações são casados com pessoas do mesmo grupo. Da 3ª geração, com exceção de um membro que formou família com mulher que se autoidentifica *Maraguá*¹¹, todos os cônjuges são Sateré-Mawé. Da 4ª geração, apenas 01 pessoa constituiu casamento com não indígena e os demais ainda não constituíram família. A quinta geração é formada por 01 criança de 01 ano de idade (filha de mãe Sateré-Mawé com pai não indígena).

Quanto ao nível de bilinguismo, constatamos a seguinte situação: da 1ª geração - **PS** já é falecido e **IB** é bilíngue ativo em Sateré-Mawé/Português; os membros da 2ª, 3ª e 4ª gerações, com exceção da pessoa não indígena e da mulher Maraguá, que são monolíngues em Português, todos são bilíngues ativos em Sateré-Mawé/Português; a criança da 5ª geração, um menino de 01 ano, está em processo de aquisição apenas da língua Portuguesa. A mãe, apesar de ser falante do Sateré-Mawé, não está repassando sua língua ao filho. Segundo ela, é mais fácil e rápido falar em português, pois, assim, todos entendem, referindo-se ao seu esposo não indígena que não fala Sateré-Mawé. Além disso, como sua família já reside em Parintins há mais de 10 anos, diz que já se acostumou com a comunicação em Português e, por isso, essa língua é a mais usada no domínio do lar. As variáveis

¹¹ Etnia que vive às margens do rio Abacaxis, nos municípios amazonenses de Nova Olinda do Norte e de Borba. Sua população soma cerca de 350 pessoas. Informação disponível em: <http://blogdeyaguare.blogspot.com/p/povo-maragua.html>

constituição familiar e tempo de residência na cidade são significativas para essa situação.

Constituição familiar e situação de bilinguismo da família VI

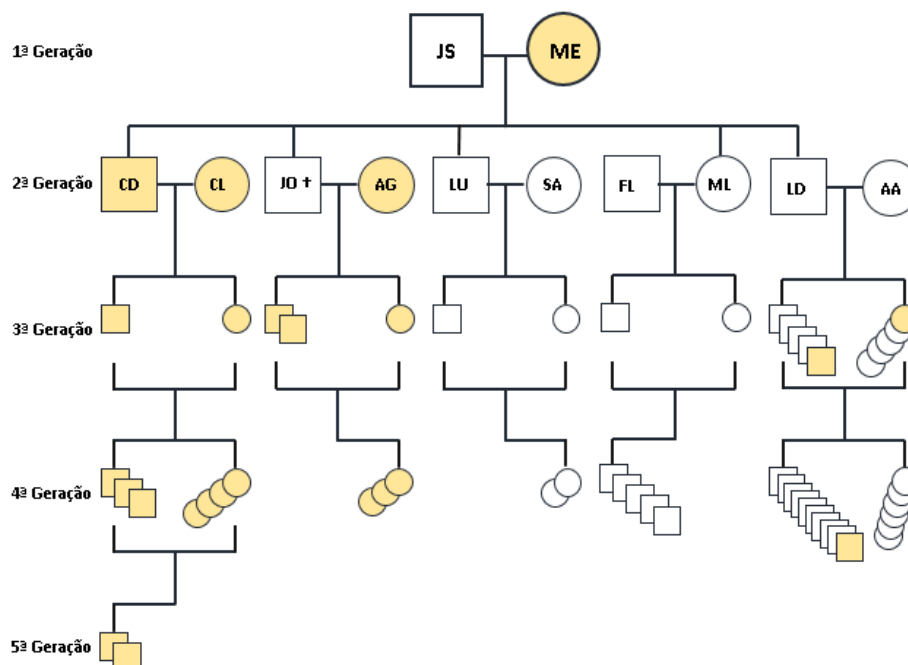


Figura 6 - Família Sateré-Mawé VI.

Fonte: Elaboração própria.

A família VI é formada por 66 pessoas, sendo todas da etnia Sateré-Mawé. O casal **JS** e **ME** teve 05 filhos, mas 01 deles já é falecido (**JO**, da 2ª geração). A migração dos membros dessa família para moradia na cidade iniciou na década de 80 e perdura até a atualidade.

Os filhos de **JS** e **ME** (1ª geração) constituíram família com pessoas do mesmo grupo étnico. Dentre eles, apenas 04 pessoas residem em Parintins (**ME** mais 02 netos (filhos de **LD** e **AA**) e mais 01 bisneto), os demais vivem nas seguintes localidades: o casal **CD** e **CL** (com seus filhos, netos e bisnetos) assim como a viúva **AG** (mais seus filhos e netos) vivem na cidade de Juruti/PA; as famílias de **LU** e **SA** e a família de **LD** e **AA** vivem na aldeia Tigre às margens do rio Waikurapá (T.I Andirá-Marau, município de Parintins); a família de **FL** e **ML** (com seus filhos e netos) vive em um sítio à margem do rio Mamuru (T.I Andirá-Marau, município de Parintins). O esposo de **ME** da 1ª geração, senhor **JS**, vive entre a aldeia Tigre e a cidade de Parintins, pois, apesar de sua esposa já morar nessa cidade, não consegue se acostumar com a vida no espaço urbano, daí seu constante movimento entre aldeia-cidade.

No que tange ao nível de bilinguismo, temos a seguinte situação: apenas a 1ª geração (**JS** e **ME**) é bilíngue ativa em Sateré-Mawé/Português. Os membros da 2ª geração são bilíngues ativos em Português e alegam entender com dificuldade a

língua Sateré-Mawé. Os membros da 3^a, 4^a e 5^a gerações são todos monolíngues em Português.

Constituição familiar e situação de bilinguismo da família VII

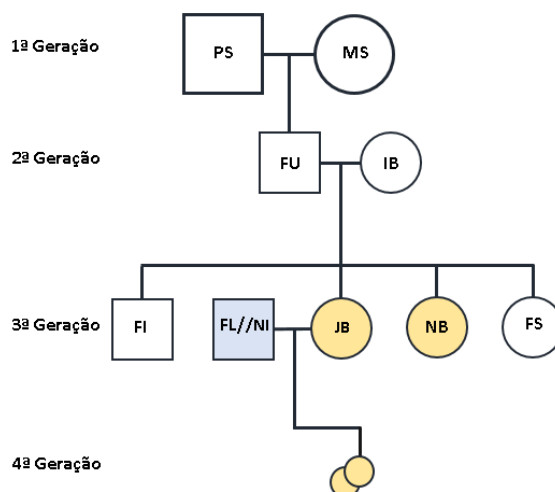


Figura 7 - Família Sateré-Mawé VII.

Fonte: Elaboração própria.

A família VII é composta por 11 pessoas, sendo 10 da etnia Sateré-Mawé e 01 não indígena. Dessas, 05 pessoas residem em Parintins desde 2006 (**FL** e **JB** e filhos e a jovem **NB**); os demais moram na comunidade Nova Sateré (Andirá).

Os membros da 1^a e da 2^a gerações formaram família com pessoas da própria etnia. Dentre os membros da 3^a geração, apenas **JB** constituiu casamento com um não indígena, com quem teve 02 meninas (de 02 e 04 anos (4^a geração)), os demais são solteiros.

Quanto ao nível de bilinguismo, diagnosticamos que, com exceção de **FL/não índio**, que é monolíngue em Português, os membros da 1^a, 2^a e 3^a gerações apresentam uma situação de bilinguismo ativo em Sateré-Mawé e Português; já as crianças que compõem a 4^a geração estão aprendendo apenas a língua Portuguesa, pois os pais estão priorizando o uso da mesma por conta do pai (**FL/NI**), monolíngue nessa língua.

Constituição familiar e situação de bilinguismo da família VIII

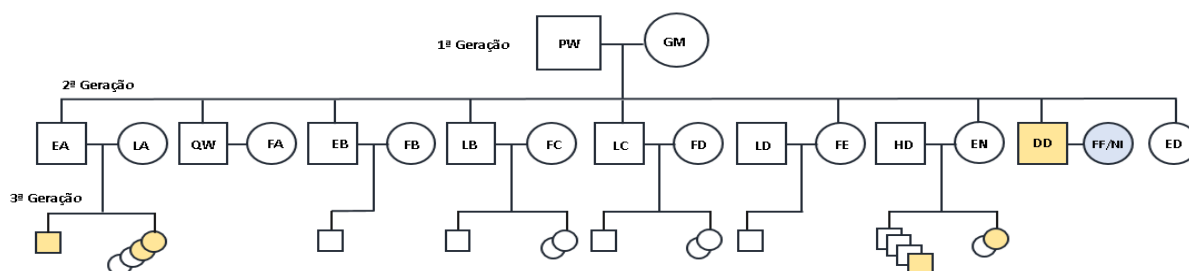


Figura 8 - Família Sateré-Mawé VIII.

Fonte: Elaboração própria.

A família VIII é composta por 38 pessoas, sendo 37 do povo Sateré-Mawé e 01 não indígena. Dessas, 07 residem em Parintins há 10 anos (03 filhos de **EA** e **LA**, 02 filhos de **HD** e **EN** e o casal **DD** e **FF/NI**). Os demais membros residem nas aldeias Vila Nova I e Nova Sateré (Andirá).

O casal Sateré-Mawé **P** e **G** (1ª geração) teve 09 filhos (2ª geração). Dentre eles, com exceção de **DD**, que se casou com uma mulher não indígena, e do jovem **ED**, que ainda não é casado, todos constituíram família com pessoas da própria etnia. Os 19 membros da 3ª geração são crianças na faixa etária de 02 a 05 anos de idade.

Quanto ao nível de bilinguismo, diagnosticamos a seguinte situação: com exceção de 03 crianças da 3ª geração, que se encontram em processo de aquisição linguística, e de **FF/NI**, monolíngue em Português, todos os membros da 1ª, 2ª e 3ª gerações são bilíngues ativos em Sateré-Mawé e Português.

Constituição familiar e situação de bilinguismo da família IX

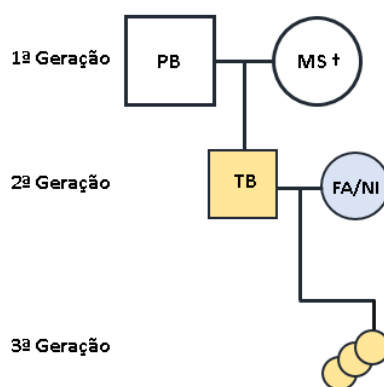


Figura 9 - Família Sateré-Mawé IX.
Fonte: Elaboração própria.

A família IX é composta por 07 pessoas, sendo 06 da etnia Sateré-Mawé e 01 não indígena. A matriarca (**MS**) já é falecida e o pai (**PB**) viúvo. Essa família é originária do rio Marau (município de Maués), da aldeia Vila Nova II. Desses indivíduos, 04 residem em Parintins há 08 anos, trata-se de **TB** e seus filhos, que migraram para essa cidade em busca de melhores condições de vida.

Quanto ao nível de bilinguismo, diagnosticamos a seguinte situação: exceto o não indígena, todos apresentam bilinguismo ativo em Sateré-Mawé/Português.

Constituição familiar e situação de bilinguismo da família X

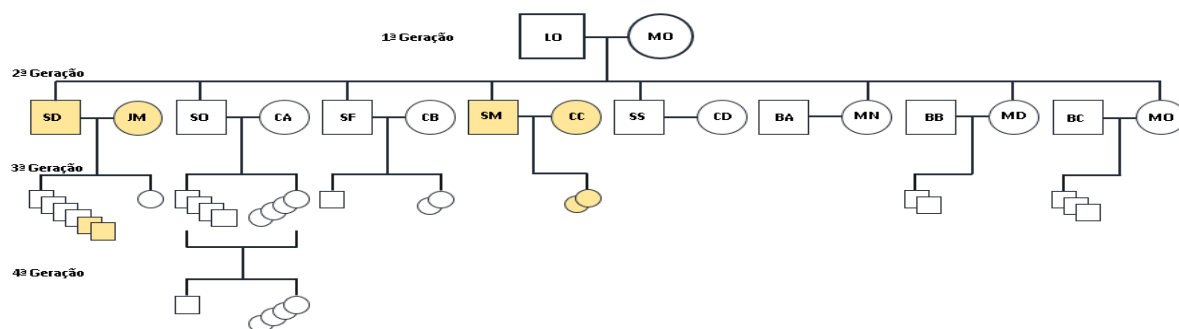


Figura 10 - Família Sateré-Mawé X.

Fonte: elaboração própria.

A família X é formada por 48 pessoas, sendo todas da etnia Sateré-Mawé. Dessas, 08 pessoas residem em Parintins desde 2009 (o casal **SD/JM** e seus filhos e **SM/CC** e seus filhos) e os demais moram na comunidade de Molongotuba (médio rio Andirá).

Os membros da 1ª e da 2ª gerações constituíram casamento com pessoas da própria etnia. Da 3ª geração, apenas 01 membro constituiu casamento com homem do mesmo grupo e os demais ainda não são casados. Os membros da 4ª geração são crianças, na faixa etária de 05 a 08 anos.

Quanto ao nível de bilinguismo, verificamos que todos os membros da família apresentam uma situação de bilinguismo ativo em Sateré-Mawé/Português, porém observa-se que a língua indígena já está sendo falada com muita presença do léxico do Português.

Síntese da situação linguística

Conforme os dados descritos na seção anterior, três línguas se fazem copresentes no repertório linguístico das famílias Sateré-Mawé participantes da pesquisa: o Sateré-Mawé, o Português e o Inglês, cuja situação de bilinguismo individual é resumida no quadro 3.

SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DAS FAMÍLIAS SATERÉ-MAWÉ							
Família	Trilíngue	Bilíngue			Monolíngue	Aquisição linguística	
	Ativo SM/PT Passivo ING	Ativo SM Passivo PT	Ativo SM/PT	Passivo SM Ativo PT	PT	SM/PT	PT
I	2	2	52	0	1	6	0
II	0	0	18	1	6	0	2
III	0	0	26	0	0	1	0
IV	0	0	13	1	2	0	1
V	0	0	35	0	2	0	1
VI	0	0	2	9	54	0	0
VII	0	0	08	0	1	0	2
VIII	0	0	34	0	1	3	0
IX	0	0	5	0	1	0	0
X	0	0	48	0	0	0	0
Total	2	2	241	11	68	10	6

Quadro 3 - Situação linguística das famílias¹² participantes da pesquisa.

Fonte: Elaboração própria. Lê-se: SM= Sateré-Mawé; PT = Português; ING = Inglês.

De acordo com esses dados, apenas a família I apresenta situação de trilinguismo, pois 02 de seus membros, além do domínio em Sateré-Mawé/Português, são bilíngues passivos em Inglês, devido à convivência com missionários americanos em sua aldeia por muitos anos. As demais famílias têm em seu repertório apenas o Sateré-Mawé e o Português. A família IX destaca-se por serem seus membros quase todos monolíngues em Português (54 pessoas), uma

¹² Nesse quadro consideramos somente os membros das famílias que ainda vivem.

realidade comum nos casos das famílias oriundas da região do rio Waikurapá, onde a língua indígena é conhecida apenas pelas pessoas mais idosas (mesma situação do Baixo Andirá). Além disso, é importante destacar que 07 das famílias participantes têm entre seus membros crianças em fase de aquisição linguística, porém, em 04 delas (II, IV, V e VIII), estão apreendendo somente o Português.

O valor funcional das línguas

Quanto ao uso das línguas nos diferentes domínios sociais, a situação das famílias é similar. A língua Sateré-Mawé é empregada no seio familiar, nas ruas da cidade de Parintins (intragrupo) e nos barcos de linha, no trajeto aldeia-cidade-aldeia. Entretanto, observa-se que os Sateré-Mawé estão usando a língua indígena com muita interferência do Português. A esse respeito, durante a pesquisa, diversos deles manifestaram ter consciência disso, conforme ilustra a fala de um dos participantes: “percebo que estamos falando a nossa língua muito misturada com o Português. E esse jeito de falar parece que tá crescendo”. Essa “mistura” que aparece na fala do participante refere-se a intromissões de elementos do Português na língua Sateré-Mawé, que vêm ocorrendo tanto no léxico quanto na gramática. Lexicalmente, é comum a introdução de palavras do Português num turno de fala em Sateré-Mawé, mesmo quando há termo equivalente no léxico da língua indígena (além da criação de novas palavras com influência do Português). Gramaticalmente, nota-se também algumas influências como a do morfema de marcação do gênero feminino em Português [a], que já vem sendo usado para fazer flexão dessa natureza em palavras do Sateré-Mawé, uma marcação inexistente na gramática dessa língua. Observa-se esse uso, por exemplo, em *puruwei* (“professor/professora”), na medida em que, agora, já se refere à mulher professora como *puruweira*.

O Português, por sua vez, é usado pelos membros dessa etnia em todos os lugares de repartições públicas (escolas, correios, banco, secretarias de educação, posto de saúde etc.) e privadas (supermercados, lojas, etc.), e também em momentos de interação com os amigos não indígenas.

Se nos restringirmos aos números apresentados no quadro 03, podemos dizer que a situação de vitalidade da língua Sateré-Mawé em Parintins é muito boa, pois, dos 340 membros que compõem as famílias, 241 apresentam proficiência nas duas línguas do repertório. Porém, o fato de constatarmos que, em algumas famílias, as crianças não estão adquirindo a língua do seu povo e que o Português passou a ser dominante no seio familiar, domínio que era próprio do Sateré-Mawé, demonstra que a distribuição funcional das línguas já não está claramente definida e que a língua majoritária está se sobrepondo à minoritária, colocando essa comunidade indígena na condição de “comunidade *sem* diglossia e *com* bilinguismo” (FISHMAN, 1971). Essa situação pode levar, em algumas décadas, à mudança de *status* linguístico desse povo em Parintins, ou seja, de bilíngue em Sateré-Mawé/Português à monolíngue em Português. Observa-se, nesse caso, que as variáveis “constituição familiar” e “maior tempo de residência na cidade” foram significativas.

A atitude linguística dos participantes da pesquisa

Os participantes manifestam uma atitude positiva quanto às línguas do seu repertório. No que se refere à língua Sateré-Mawé, observamos que, no discurso, todos desejam que ela se perpetue de geração em geração, porém, no cotidiano a mesma não está sendo repassada às novas gerações. O Português, por sua vez, tem sido supervalorizado por membros de diversas famílias, que alegam já preferi-lo em detrimento da língua nativa. Segundo De Heredia (1989, p. 178), a “fidelidade linguística (language loyalty)” tem a ver com a ligação que os locutores mantêm com sua língua e que se manifesta pelo uso que fazem dela no círculo familiar, entre amigos e na sua transmissão às crianças, demonstrando as atitudes que desenvolvem em relação às duas culturas, nesse caso, da indígena Sateré-Mawé e da ocidental (não indígena), a qual é simbolicamente representada pelo uso que fazem das línguas.

Essa relação é percebida por alguns dos educadores desse povo, que vêm manifestando preocupação quanto ao futuro de sua língua. É o caso do professor José de Oliveira dos Santos da Silva (2014), que, buscando orientar as famílias Sateré-Mawé que residem em Parintins, gravou uma mensagem e a divulgou na plataforma de compartilhamento de vídeos, *YouTube*, a qual apresentamos a seguir.

Essa mensagem eu queria repassar aos parentes que moram aqui na cidade, neh, às famílias que residem há muito tempo [aqui]... Então, eu gostaria que eles valorizassem ainda a sua cultura já que se identificam como indígena, como Sateré, neh? [Porém,] na maioria das vezes só se identificam como indígenas na hora do boi bumbá Garantido e Caprichoso, neh? Mas muitas das vezes já não falam Sateré, já não conhecem sua própria cultura. Então a mensagem que eu deixo [é:] falem com os filhos [em Sateré]! (...). Por que a maioria dos filhos culpam os pais por não saberem mais hoje a sua própria língua (...) [Dizem:] ‘ah! O meu pai, a minha mãe, o meu avô, os meus avós que não falaram mais, por isso que eu não falo mais Sateré’. Então, hoje, eu deixo esse recado (...) os pais que ainda falam a língua Sateré que falem com os filhos (...), que valorizem a sua cultura não só no festival¹³.

Essa citação ilustra a preocupação do professor José quanto ao enfraquecimento linguístico e cultural Sateré-Mawé, que tem como uma das principais causas a falta de transmissão intergeracional da língua nativa. De fato, a transmissão da língua de um povo é importante não apenas para sua vitalidade, mas também para manter o elo das gerações mais novas com a herança cultural do grupo de que fazem parte.

Porém, além do forte preconceito da sociedade envolvente contra pessoas indígenas, que faz com que abandonem seus saberes, tem sido um grande desafio para os povos indígenas resistir aos impactos da homogeneização cultural e linguística decorrentes da mundialização da economia e das tecnologias da informação (LAGARES, 2018). Conforme o professor José, em conversa informal,

¹³ José se refere ao Festival Folclórico de Parintins, uma festa popular que ocorre anualmente, no final do mês de junho nessa cidade, na qual disputam o título de melhor apresentação folclórica duas agremiações: a do Boi Bumbá Garantido (vermelho e branco) e a do Boi Bumbá Caprichoso (azul e branco).

convencer os mais jovens a praticarem seus saberes e a falarem a língua dos seus ancestrais tem exigido muito esforço, “é como nadar contra a correnteza”; ademais, os povos indígenas não contam com apoio efetivo dos órgãos governamentais com ações de fortalecimento linguístico e cultural. Apesar disso, a resistência continua e, segundo ele, os Sateré-Mawé vão continuar trabalhando e lutando para darem continuidade à sua história cultural.

Considerações finais

Neste trabalho, analisamos o nível de bilinguismo, o valor funcional das línguas e a atitude linguística dos Sateré-Mawé em Parintins. Localizamos 10 famílias desse povo que aceitaram participar dessa pesquisa: 01 oriunda do rio Waikurapá, 01 do rio Marau e 08 do rio Andirá. Das 344 pessoas que integram as famílias, apenas 83 residem em Parintins e foram elas que participaram desse trabalho.

Constatamos que a língua Sateré-Mawé faz parte do repertório linguístico de todas as famílias, mas a mesma está sendo substituída pelo Português pelas gerações mais novas. Quase todas as famílias apresentam fluência na língua indígena pelos membros que a adquiriram na Terra Indígena; já em relação às crianças nascidas na cidade, dentre as 16 em processo de aquisição linguística, 06 estão aprendendo somente o Português e 10 estão aprendendo o Sateré-Mawé e o Português, simultaneamente. O Português já faz parte do repertório linguístico da etnia há várias gerações e atualmente é a língua de interação comunicativa desses indígenas não apenas com membros da sociedade envolvente, mas também com os Sateré-Mawé monolíngues em Português. Além dessas línguas, o Inglês faz parte do repertório linguístico de apenas 01 família, porém de forma passiva: são 02 membros da família I, que leem textos e entendem um pouco essa língua.

Constatamos também que a língua indígena não possui nenhuma funcionalidade para os membros da família IX, cuja maioria é monolíngue em Português. Nas demais famílias, a situação é mais favorável para a língua indígena, que ainda é usada diariamente pela maioria dos participantes. No entanto, em algumas, o uso do Português tem sido priorizado e a língua Sateré-Mawé não está sendo transmitida às gerações mais novas.

Segundo De Heredia (1989), a transmissão da língua nativa aos filhos simboliza uma atitude de valorização da mesma. Contudo, entendemos que tal transmissão não depende apenas da vontade de seu povo. Diversos obstáculos são apresentados pelos indígenas como fatores que impactam negativamente a continuidade das suas línguas no espaço urbano, como a ausência de políticas públicas que a favoreçam e o forte preconceito que enfrentam. Maher explica que a base da invisibilidade e da desconfiança que persegue o indígena urbano contemporâneo

[...] é o fato de os povos indígenas serem, equivocadamente, colocados como prisioneiros de suas ancestralidades também em termos de territorialidade: eles são quase sempre vistos como pertencentes exclusivamente à floresta, ao mato, a zonas rurais. Não há, via de regra, espaço no imaginário nacional para índios “legítimos” em avenidas, shoppings, universidades – esses seriam

espaços exclusivamente de “brancos”, de não índios. Ainda que a Constituição de 1998, ao reconhecer o direito dos povos indígenas a “sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições” não estabeleça, como bem apontam Rosado e Fagundes (2013, p. 7), que esse direito se aplica apenas àqueles povos que se encontram em reservas ou territórios demarcados – o que, enfatizam esses autores, é muito positivo –, a nossa “cegueira civilizatória”, impede que (re)conheçamos como legítima a presença indígena nas urbes. Vai daí que as políticas públicas voltadas para populações indígenas em nosso país tenham sempre por referência o índio aldeado, o que faz com que o índio cidadão tenha muita dificuldade para exercer seus direitos básicos de cidadão [...]. (MAHER, 2016, p. 62).

É necessário que os direitos indígenas previstos na legislação brasileira sejam respeitados independentemente de sua localização territorial. É fundamental também, conforme Lagares (2018), que o Estado dê condições a esses povos para que não sejam engolidos pela comunidade linguística dominante.

Obviamente, pesquisas sociolinguísticas, em si, não têm o poder de mudar uma situação de ameaça às línguas minoritárias, visto que, para que haja mudança, outros instrumentos e ações tornam-se necessários, como o engajamento de pesquisadores (indígenas e não indígenas) e indigenistas (com seus conhecimentos e suas estratégias). Todavia, pesquisas dessa natureza são importantes para visibilizar uma situação que pode não ser percebida pelos falantes, como as razões do enfraquecimento e do desaparecimento de suas línguas, além disso, contribuem para apontar caminhos para a sua vitalização (BRAGGIO, 2003; SANTOS, 2016).

Desse modo, esperamos que o resultado desse levantamento sirva como instrumento de informação ao povo Sateré-Mawé e estimule seus membros a continuarem resistindo às ameaças advindas do mundo globalizado. Desejamos ainda que, por meio da inteligência e da sabedoria que possuem, continuem buscando novas estratégias de fortalecimento de sua língua e de sua cultura.

Referências

BRAGGIO, Sílvia L. B. A aquisição do português escrito pela criança Xerente Akwén: aspectos cognitivos, sociolinguísticos e educacionais. *In: Simpósio mundial de estudos da língua portuguesa (Simelp). Anais Internacionais do IV SIMELP*. Goiânia, 2014. p. 1764-1777.

BRAGGIO, Sílvia L. B. O papel da pesquisa sociolinguística em projetos de educação, vitalização de língua e cultura: relatos sociolinguísticos iniciais dos Avá-Canoeiro de Minaçu. *In: LIAMES* n. 3. Primavera, 2003. p. 113-133.

DE HEREDIA, Christine. Do bilinguismo ao falar bilíngue. *In: VERMES, G. ; BOULET, J. (org.). Multilinguismo*. Campinas: Unicamp, 1989. p. 117-219.

FERGUSON, Charles. Diglossia. *In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (org.). Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 99-116.

FISHMAN, Joshua A. Sociologia da linguagem. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (org.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 25-39.

FISHMAN, Joshua. *Sociolinguistique*. Bruxelles/Paris: Labor/Nathan, 1971.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Parintins*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/parintins/panorama>. Acesso em: 02 set. 2020.

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO EM POLÍTICA LINGUÍSTICA (IPOL). 2013. *Plataforma do Letramento: O Brasil e suas muitas línguas*. Disponível em: <http://ipol.org.br/tag/li>. Acesso em: 11 jul. 2021.

LAGARES, Xoán C. *Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola, 2018. 256 p.

MAHER, T. M. Sendo índio na cidade. In: Revista da Anpoll. Florianópolis, N. 40, p. 58-69, Jan./Jun. 2016. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1015/847>.

RODRIGUES, Aryon D. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/>.

RODRIGUES, Aryon D. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. In: *D.E.L.T.A.*, vol. 9, n. 1, p. 83-103, 1993.

RODRIGUES, Aryon D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1994. 134 p.

SILVA, José de O. dos Santos. *Mensagem ao povo Sateré-Mawé*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RYIkRkH5_Do. Acesso em: 01/09/2020.

Para citar este artigo

CARNEIRO, Denize de Souza; MIKILIS, Iria Batista; SPOLADORE, Fernanda Ferreira. Situação sociolinguística de famílias sateré-mawé residentes em parintins. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 2, p. 598-618, maio-ago. 2021.

As autoras

Denize de Souza Carneiro - Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia; graduada em Letras/Português pela Universidade Federal do Amazonas. Docente na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), lotada no Programa de Letras do Instituto de Ciências da Educação. Área de pesquisa: Línguas Indígenas (descrição); sociolinguística qualitativa, ensino de línguas Indígenas e formação de professores indígenas. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0980-8359>.

Iria Batista Mikilis – Indígena do povo Sateré-Mawé, graduanda do curso de Bacharelado em Direito na Universidade Federal do Oeste do Pará/Ufopa. Temas de interesse: Direitos indígenas; Direitos linguísticos. E-mail: iriamikilis@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5029-3778>.



Fernanda Ferreira Spoladore - Doutora e mestra em Linguística, professora na Escola Municipal Professor Leôncio do Carmo Chaves, Uberlândia/MG. Linha de pesquisa: teoria, descrição e análise linguística; ensino de inglês. E-mail: fernandaspoladore@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6814-1139>.